

CARTA À LÉLIA

Adriana MARINO¹

Resumo

O texto apresenta-se no formato de uma carta, poética e livremente endereçada à Lélia González, uma de nossas inspirações para pensarmos uma psicanálise feita no Brasil. Trata-se de um escrito elaborado para uma transmissão, prenhe de oralidade, por ocasião do II Colóquio Psicanálise e Amefricanidade, realizado em Brasília, São Paulo, Recife e Buenos Aires, em dezembro de 2023 e organizado pela Rede de Pesquisa e Formação Lélia González. O estilo do texto se presta a uma leitura sem pretensão de aprofundar, explicar, traduzir ou desenvolver ideias, noções e conceitos, como se apresentam as palavras em iorubá, mas escritas propriamente à oralidade brasileira. O ensejo da publicação deste texto se encontra no exercício de expor e ampliar questionamentos atinentes aos coletivos de psicanálise em espaços públicos, como é o caso da autora desta carta, considerando o incontornável atravessamento oriundo de sabedorias e tecnologias ancestrais, bem como autoras e autores negras e negros, rumo a uma forma de fazer e pensar uma psicanálise brasileira potencialmente mais livre do sequestro colonial-europeu.

Palavras-chave: Espaço Público; Iorubá; Lélia González; Psicanálise Brasileira.

1

A LETTER TO LÉLIA

Abstract

This paper is under a letter format, poetic and freely addressed to Lélia González, one of our exponent thinkers of psychoanalysis in Brazil. This is a writing prepared for a transmission, full of orality, to the II Psychoanalysis and Amefricanity Colloquium, stated in Brasília, São Paulo, Recife and Buenos Aires, December 2023 and organized by the Lélia González's Research and Training Network. The style of the text lends itself to a reading without the intention of deepening, explaining, translating or developing ideas, notions or concepts, as it appears in Yoruba words. It's written under a Brazilian oral way. This publishing opportunity lies with the exercise of exposing and expanding questions related to collectives of psychoanalysis in public spaces, as is the case of this author, considering the unavoidable crossing from ancestral wisdom and technologies, as well as black authors, women and men, towards a Brazilian psychoanalysis exercise that can be potentially free from the colonial-European kidnapping.

Keywords: Brazilian Psychoanalysis; Lélia González; Yoruba; Public Space.

¹ Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP, Brasil. E-mail: adrianamarino@usp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9549-0916>

CARTA A LÉLIA

Resumen

Este texto se presenta en formato de carta, poética y libremente, a Lélia González, una de nuestras referencias para un psicoanálisis en Brasil. Es un escrito realizado para una transmisión, llena de oralidad, para el II Coloquio Psicoanálisis y Amfricanidad, realizado en Brasilia, São Paulo, Recife y Buenos Aires, en diciembre de 2023 y organizado por la Red de Investigación y Formación Lélia González. El estilo se presta a la lectura sin profundizar, explicar, traducir o desarrollar ideas, nociones o conceptos, como ocurre con las palabras yoruba, pero escrito para la oralidad brasileña. El objetivo de publicar este texto es centrarse en el ejercicio de exponer y ampliar interrogantes desde colectivos de psicoanálisis en espacios públicos, como es el caso del autor de esta carta, considerando el cruce ineludible de saberes y tecnologías ancestrales, así como de autores negros. negros, hacia una forma de hacer y pensar un psicoanálisis brasileño potencialmente más libre del secuestro colonial-europeo.

Palabras-clave: *Espacio Público; Lélia González; Psicoanálisis Brasileño; Yoruba.*

2

CARTA À LÉLIA

Oi Lélia. Me soa estranho escrever pra alguém que fez sua passagem em 94. Talvez pela familiaridade com mortes e eguns, me ocorreu que esta seria a via possível de fazer uma fala que, ao mesmo tempo trouxesse ressonâncias da minha experiência em coletivo, também trouxesse ecos de uma singularidade nas questões que te trago.

Falar assim me parece possível porque tem ares de uma oração. E, quando rezamos, confidenciamos algo de nosso íntimo, contamos de quê sofremos e rogamos por caminhos em irê. A ideia é sempre localizar uma posição já desconfortável de nossas formas de sofrer rumo a outros lugares e formas de ser e estar no aiyê. A essa altura tu já deve estar sabendo que trago muito ejé na cabeça, coisa antiga da filiação de macumba na família.

É que, como tu pode ver, acontece de eu ter muita pouca tinta e tentar articular uma fala aqui exige cuidados quanto à posição enunciativa. Quem sabe você me diria: “amefricana ladina, mulher, diga aí!”. Então digo que há tempos desencantei de alcançar à espécie de “graça do objeto α ”, pra fazer seu semblante, sem considerar nossas aparecências. Te digo isso porque me sinto mais livre quando rezo em voz alta, como quem fala com obi. A pouca tinta também armadilha a gente e aí acontece de elenini impor assim sobre mim: culpa branca ou pacto narcísico de branquitude, culpa branca ou pacto narcísico de branquitude? Você ensinou que é melhor que o sintoma não seja surú, né? Mas é aí que

nem você, nem Neusa nem Fanon cumprem com o ebó necessário. Acho que você responderia pra mim: “você que dê seus pulos!”, a me fazer lembrar que sou uma onibô.

Onibô era como me chamavam em Oyó, lá no interior da Nigéria, coisa que logo aprendi a responder: “toooo”. Lembro de quando caminhava rumo ao rio de Oxum no festival de Oshogbô. Quando quis colocar os pés no chão daquelas terras e vivi uma dureza da terra. Mal podia andar porque, a todo o momento, pessoas me paravam pra fotos e conversas. Por um tempo, imersa, achei que fosse parte da festa e talvez desejasse não entender o que se passava. Conforme andar ficava mais difícil, perguntei pro Daare, que me acompanhava atento, o porquê das pessoas quererem tirar fotos e ele me respondeu: “Porque tirar foto do seu lado engrandece a pessoa”.

Parei e não consegui conter, Lélia. Não consegui segurar o choro e dizia que ia recusar e justifiquei e dizia que não. Daare me disse pra eu não recusar porque podia ser pior. Já era tarde, branca e não conseguia disfarçar o tormento. Constatei na terra do corpo uma-minha-responsabilidade, suportei um racismo que achava nem era meu, resisti a pena da caminhada, forçando o sorriso doído na boca, disfarçando algo de uma vergonha profunda e, então, levei a onibô das terras pro rio.

- “Você que dê seus pulos!”

Voltar pro asfalto, seguir alguma vida e atender nunca mais foi o mesmo. Primitivo é aquilo que ainda não se conseguiu domesticar. E essa constatação foi antes do *hype* decolonial, pós-colonial ou anti-colonial – do letramento necessário em que a gente se encontra agora, tardiamente – e talvez por isso mesmo penso que seja mais honesto da minha parte me dizer “ex-colonial”. Sim, que nem aquele ex-tóxico.

Fora da chamada “norma fálica” que nos constitui, como se reza também em psicanálise, o que encontramos são as experiências em torno do transe, da negrura, da mística, do feminino e da loucura. Haja igbori! Talvez seja por isso que a mulher tenha sido predicada como *dark continent*².

E Lélia, é comum no nosso campo, uma tendência de extração acadêmica, não sem o que nos convoca o discurso universitário, a racionalizar, mesmo que por meio do jargão psicanalítico. Se na clínica isso é condição pra fundamentação do fazer clínico, vida afora a gente sofre psicanaliticamente mesmo sem perceber.

Na clínica, acontece da gente psicanalítica se encontrar mais ou menos como um cara diz não ser machista, um branco estar ciente da branquitude ou uma pessoa negra não sofrer com o racismo. Por vezes acontece de um analista crer que escuta suficientemente bem pra não reproduzir o que o constituiu como sujeito – quero dizer, da transmissão linguageira que nos antecedeu. Pois a gente teria elaborado, nos vacinado, alcançado a graça do semblante de objeto *a* frente ao machismo, a misoginia, o colonialismo, a racionalidade ocidental, o racismo e a branquitude.

Quero dizer que não me parece suficiente estar ciente da vanguarda discursiva, do último *hype* da desconstrução, da cartilha decolonial, anti-colonial, pra que haja

² Referência freudiana (Freud, 1926/2014, p. 164).

transformação. Estamos repetindo Lélia (González, 1984) como repetimos: “*wo Es war sol ich werden*”³. E acontece da gente falhar e falhar cada vez melhor, no duplo sentido.

Mas eis aí um pulo de gata em relação ao que a universidade embaça. Mais além de uma manifestação performática, de uma fácil aderência ao que se apresenta como potencial subversivo, atender em um espaço público, em coletivo, é encontrar um convite ao susto frequente e à reprodução das mesmas estruturas sociais que condenamos, mas que, ora ora, nos constituíram. Nossa psicogênese sempre foi sociogênese⁴, né?

Enquanto o encontro clínico tradicional, do paciente com seu analista, e mesmo o espaço de supervisão também mais comum, do supervisor com um analista, o trabalho se centra no dizer, e mesmo no que “que se diga que fica escondido por trás do que se diz no que se ouve”⁵, em coletivo, encontramos outra dimensão. Acontece algo como uma caixa acústica que amplifica as vozes e é preciso mexer as cadeiras pra que alguma função analítica opere. Se antes a gente era questionada se o que fazíamos seria ou não psicanálise, hoje a gente encontra condições de devolver essa pergunta. A psicanálise mudou e você também tem a ver com isso.

Lembrei de uma passagem do Freud (1926/2014, p. 131) aqui, Lélia, e ele diz assim: “Sem dúvida, no começo foi o ato, a palavra veio depois (...) a palavra era originalmente magia, um ato mágico, e ainda conserva muito de sua velha força.”. E mais uma pergunta pra você: eu sei que São Jorge era do Ogun, mas comé que se vence a demanda?

4

REFERÊNCIAS

Fanon, F. (2008). *Pele negra, máscaras brancas*. EDUFBA. (Trabalho original publicado em 1952).

Freud, S. (2014) A questão da análise leiga: diálogo com um interlocutor imparcial. In S. Freud, *Inibição, sintoma e angústia; O futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929)*. (Trad. de Paulo César de Souza, trad., Vol. 17, pp. 124-230). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1926)

González, L. (1984). Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, 223-244.

Lacan, J. (2003). O aturdido. In J. Lacan, *Outros escritos* (pp. 448-497). Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1972)

³ Em alusão a uma frase freudiana transformada em máxima por Jacques Lacan (1965-1966/1998).

⁴ Situado por Fanon (1952/2008).

⁵ Em alusão a um dito transformado em máxima de Jacques Lacan (1972/2003).

Lacan, J. (1998). A ciência e a verdade. In J. Lacan. *Escritos* (pp. 869-892). Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1965-1966)

Recebido em: 14/06/2024

Reapresentado em: 10/07/2024

Aprovado em: 10/07/2024

SOBRE A AUTORA

Adriana Marino é psicóloga e psicanalista. Graduada em Psicologia pela Universidade São Marcos e em Filosofia pela Universidade de São Paulo. Mestre, doutora e pós-doutoranda pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Membro do Laboratório Psicanálise, Sociedade e Política e do coletivo Psicanálise na Praça Roosevelt.